

MANAGING WITHOUT GROWTH

VICTOR, Peter. **Managing Without Growth.Slower By Design, Not Disaster.Advances In EcologicalEconomics**. Northampton, MA: Edward Elgar. 2008. 263p.

Rodrigo de Campos Macedo

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
rodrigo.macedo@ibge.gov.br

O livro examina algumas das suposições e crenças mais profundas sobre o mercado, crescimento, prosperidade e felicidade. Trata-se de uma análise oportuna acerca das consequências destrutivas ao buscar um crescimento infinito às custas da própria natureza. Peter Victor faz uma avaliação crítica da literatura sobre o ambiente e os limites de recursos para o crescimento, sobre a desconexão entre renda alta e felicidade, e, principalmente, sobre como o estado estacionário ou até mesmo o decrescimento pode atender outros importantes objetivos econômicos, sociais e ambientais.

O autor argumenta para a necessidade de trabalhar deliberadamente para uma economia de estado estacionário em que a biosfera deve estabelecer os limites da produção material-energética. O verdadeiro progresso deve refletir os avanços dos direitos humanos e gerar bem-estar generalizado, aumento de oportunidades educativas, democracia representativa e um meio ambiente saudável. Mas essas coisas muitas vezes têm pouco a ver com a noção de crescimento econômico, que é normalmente medido pelo Produto Interno Bruto.

Logo após a Segunda Guerra Mundial, o crescimento econômico tornou-se o objetivo primordial da política econômica na maioria dos países. Mas, para o autor, os países ricos devem afastar-se do crescimento econômico como o principal objetivo da política e perseguir objetivos mais específicos que melhoram o bem-estar. Victor afirma que em todo o mundo um crescimento econômico contínuo é uma ilusão descabida. O crescimento econômico não trouxe o pleno emprego, não eliminou a pobreza e não

reduziu o peso da economia sobre o meio ambiente. Ou seja, ele contesta a idéia de que o crescimento econômico se traduz em felicidade.

Isso não significa que todas as formas de crescimento devem ser limitadas. Os limites são impostos aos empreendimentos que consomem recursos naturais a taxas insustentáveis e geram resíduos e poluição mais rápido que o ambiente pode absorvê-los. Muitas formas de progresso podem continuar crescendo, embora de uma forma que seja mais equitativa e justa. Educação é um bom exemplo de uma “indústria” onde o crescimento possa ocorrer de uma forma quase ilimitada, sem consequências negativas.

O autor modela diversas variáveis (renda, emprego, dívida, emissão de gases do efeito estufa etc.) e gera alguns cenários, sendo que somente a redução do crescimento realmente reduziriam a emissão de poluentes, porém também acarretaria distúrbios econômicos, tais como aumento do desemprego, dívida e diminuição da renda. Este cenário pode ser chamado de “*slowerbydisaster*”. Porém, com melhorias de governança e políticas dedicadas a reduzir atividades econômicas degradantes e fomentar atividades econômicas social e ambientalmente interessantes, é possível gerar um cenário “*slowerby design*”, onde a renda aumenta modestamente, ao mesmo tempo em que a emissão de poluentes, o desemprego e a dívida caem.

Victor também mostra que uma das maiores justificativas do crescimento econômico – o pleno emprego – também pode apresentar resultados pífios. Adotando o Canadá como estudo de caso, evidencia que o país não conseguiu gerar pleno emprego. Segundo o autor, o temor do desemprego não é exclusividade de um modelo de economia estacionária ou em decréscimo. Muito pelo contrário, há exemplos de fracassos na política de empregos mesmo em economias em crescimento e, em contrapartida, as premissas existentes em modelos de desenvolvimento sustentável, tais como o foco em atividades intensivas em mão-de-obra, fortalecimento do setor de serviços e de mercados internos, poderiam efetivamente, melhorar o problema do desemprego.

Por fim, ele questiona se a globalização permitiria com que um país deixe o crescimento econômico como principal objetivo sem que os outros também o façam. Ele coloca dois pontos que dificultam esse processo: a existência de numerosos tratados internacionais e organizações internacionais e a difusão do capitalismo pelo mundo (hegemonia

capitalista). As alternativas apontadas pelo autor vão na direção de uma simplicidade voluntária ou adoção de uma vida simples, algo que vem ocorrendo em países ricos; ele cita expoentes desse estilo de vida, como *Henri David Thoreau* e *Ernst Schumacher*. Outra possibilidade seria a *localização* em oposição à globalização, ou seja, uma economia baseada no local. No entanto, isso seria insuficiente sem a implementação de políticas públicas na direção de desenvolvimento sem crescimento econômico.